



A Santa Sé

AUDIÊNCIA

Quarta-feira 26 de Agosto de 1998

1. A história da salvação é a progressiva autocomunicação de Deus à humanidade, que alcança o seu vértice em Jesus Cristo. No Verbo feito homem, Deus Pai quer participar a Sua própria vida a todos: em definitivo, quer comunicar-Se. Esta autocomunicação divina acontece no Espírito Santo, vínculo de amor entre a eternidade e o tempo, entre a Trindade e a história.

Se no seu Espírito Deus Se abre ao homem, este, por sua vez, é criado como sujeito capaz de acolher a autocomunicação divina. O homem — como diz a tradição do pensamento cristão — é «capax Dei»: capaz de conhecer a Deus e de acolher o dom que Ele faz de Si mesmo. Com efeito, criado à imagem e semelhança de Deus (cf. *Gn 1, 26*), é capaz de viver uma relação pessoal com Ele e de responder com a obediência de amor à relação de aliança que lhe foi proposta pelo seu Criador.

Na base deste ensinamento bíblico, o dom do Espírito, prometido ao homem e concedido «sem medida» por Jesus Cristo, significa então o «chamamento à amizade, na qual as transcendentais «profundezas de Deus» são abertas, de algum modo, à participação por parte do homem» (*Dominum et vivificantem*, 34).

Quanto a isto, o Concílio Vaticano II ensina: «Deus invisível (cf. *Cl 1, 15; 1 Tm 1, 17*), na riqueza do seu amor, fala aos homens como amigos (cf. *Êx 33, 11; Jo 15, 14 s.*) e convive com eles (*Br 3, 38*) para os convidar e admitir à comunhão com Ele» (*Dei Verbum*, 2).

2. Então, se mediante o seu Espírito Deus Se comunica ao homem, este é continuamente chamado a doar-se a Deus com todo o próprio ser. Esta é a sua vocação mais profunda. A isto ele é solicitado sem cessar pelo Espírito Santo que, iluminando a sua inteligência e sustentando a

sua vontade, o introduz no mistério da filiação divina em Jesus Cristo e o convida a vivê-lo com coerência.

Todos os impulsos generosos e sinceros da inteligência e da liberdade do homem para se aproximar, ao longo dos séculos, do mistério inefável e transcendente de Deus, são suscitados pelo Espírito Santo.

Em particular na história da antiga Aliança, estabelecida por Javé com o povo de Israel, testemunhamos a actuação progressiva deste encontro entre Deus e o homem no espaço de comunhão que foi aberto pelo Espírito.

É impressionante, por exemplo, pela sua intensa beleza, a narração do encontro do profeta Elias com Deus no sopro do Espírito: «O Senhor disse-lhe: “Sai e permanece sobre o monte, na presença do Senhor: eis que o Senhor vai passar”. Nesse momento passou adiante dele um vento impetuoso e violento, que fendia as montanhas e quebrava o rochedo; mas o Senhor não estava naquele vento. Depois do vento, a terra tremeu; mas o Senhor não estava no tremor de terra. Passado o tremor de terra, acendeu-se um fogo; mas o Senhor não estava no fogo. Depois do fogo, ouviu-se o murmúrio de uma leve brisa. Elias, ouvindo isto, cobriu o rosto com o manto, saiu e pôs-se à entrada da caverna. Uma voz disse-lhe: “Que fazes aqui Elias?”» (1 Rs 19, 11-13).

3. Mas o encontro perfeito e definitivo entre Deus e o homem — aguardado e contemplado na esperança pelos patriarcas e profetas — é Jesus Cristo. Ele, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, «na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si próprio e descobre-lhe a sua vocação sublime» (*Gaudium et spes*, 22). Jesus Cristo realiza esta revelação com toda a Sua vida. Com efeito Ele, por impulso do Espírito Santo, está sempre propenso a cumprir a vontade do Pai, e no madeiro da Cruz oferece-Se ao Pai «de uma vez para sempre», «com um Espírito eterno» (cf. *Hb* 9, 14).

Através do evento pascal, Cristo ensina-nos como «o homem, única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma, não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo» (*Gaudium et spes*, 24). Ora, precisamente o Espírito Santo, comunicado em plenitude à Igreja por Jesus Cristo, faz com que o homem, ao reconhecer-se n'Ele, sempre melhor «se reconheça através de um dom sincero de si mesmo».

4. Esta verdade eterna sobre o homem, que nos foi revelada por Jesus Cristo, adquire no nosso tempo uma particular actualidade. Apesar das contradições também intensas, hoje o mundo vive um período de intensa «socialização» (cf. *Gaudium et spes*, 6) no que se refere quer às relações interpessoais no interior das várias comunidades humanas, quer aos relacionamentos entre os povos, as raças e as diversas sociedades e culturas.

Em todo este processo rumo à comunhão e à unidade, é necessária a acção do Espírito Santo, também para superar os obstáculos e os perigos que insidiam este caminho da humanidade. «Na perspectiva do ano 2000 depois do nascimento de Cristo, importa conseguir que um número cada vez maior de homens “possam encontrar-se plenamente... através do dom sincero de si”. Trata-se pois de fazer com que, sob a acção do Espírito-Paráclito, se realize no nosso mundo um processo de verdadeiro amadurecimento na humanidade, na vida individual e na vida comunitária; foi em ordem a isso que o próprio Jesus, quando pedia ao Pai “que todos sejam um, como Eu e Tu somos um” (Jo 17, 21-22)... nos sugeriu que existe uma certa semelhança entre a união das pessoas divinas e a união dos filhos de Deus na verdade e na caridade» (*Dominum et vivificantem*, 59).

* * *

Caríssimos Irmãos e Irmãs de língua portuguesa:

A história da salvação é a progressiva autocomunicação de Deus à humanidade, que alcança seu ápice em Jesus Cristo. Deus-Pai, no Verbo feito Homem, quer participar a todos Sua mesma vida. Por isso, o sentido mais profundo da vocação do homem consiste na sua doação a Deus, com todo o seu ser. E Deus espera do homem, não obstante os tempos em que vivemos, «o dom sincero de si» (*GS*, 24), que aumente a união com os demais homens, de distintas raças e culturas. Para todo este processo, é necessária a acção do Espírito Santo, a fim de superar os obstáculos e perigos que ameaçam este caminho da humanidade.

Saúdo cordialmente os ouvintes que me escutam, de modo especial os peregrinos portugueses das paróquias de Lijó e de Fermentões da Arquidiocese de Braga, da paróquia de Lavra da diocese do Porto e das paróquias de Pedreiras e de S. Pedro do Sul; aos visitantes brasileiros aqui presentes, o meu mais afectuoso abraço. A todos formulo sinceros votos de paz e de harmonia em seus lares, e invoco do Todo-Poderoso abundantes dons de auxílio material e espiritual, abençoando-os de coração, com o amparo da Virgem Santíssima.